

Ⓞ Progresso Catholico

APPROVAÇÕES E INDULGENCIAS

O MEZ DE OUTUBRO

APPROVAMOS o opusculo intitulado «*O mez de Outubro consagrado a Nossa Senhora do Rosario traduzido do italiano sobre a versão franceza do conego Hallez, pelo presbytero Manoel Francisco dos Santos Peixoto, etc., Guimarães—Centro de Propaganda Catholica em Portugal—Director—Teixeira de Freitas—1886*» e concedemos cem dias de indulgencias a todo o fiel do Nosso Patriarchado, que o ler e o distribuir pelo povo, a fim de afervorar a devoção á Santissima Virgem sob a invocação do Rosario.

Paço de S. Vicente 20 de setembro de 1886.

✠ J. Cardeal Patriarcha.

Mgr. Alfredo Elbiro dos Santos, secretario.

VINTE E CINCO POR CENTO!

APPROVAMOS o opusculo intitulado «*Vinte e cinco por cento! Aos cem dispartes dos protestantes, vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia, etc.—3.ª edição—Guimarães—Centro de Propaganda Catholica em Portugal—Director—Teixeira de Freitas—1886*» devido á penna do illustre ornamento do Clero Portuguez, o Rv.ºº Padre Carlos Rademaker, que Deus tenha, e concedemos cem dias de indulgencias a todo o fiel do Nosso Patriarchado que o ler e distribuir pelo povo, como effcaz antidoto contra o protestantismo.

Paço de S. Vicente 20 de setembro de 1886.

✠ J. Cardeal Patriarcha.

Mgr. Alfredo Elbiro dos Santos, secretario.

As Origens do Feudalismo

A Igreja e o Estado

AO passo que o Imperio Romano estende dia a dia a sua administração que o enfraquece, os Barbaros aproximam-se, e estão logo no coração das provincias.

Os bandos ferozes com facilidade triumpham d'uma sociedade que, ha muito desarmada pela rivalidade do Estado, já nem mesmo tem desejo de defender-se.

Comtudo, os Barbaros trazem consigo uma idéa nova que faz a sua força; por isso que parece encantar hoje os politicos modernos, — isto é, pela centralisação, elles tinham um soberano desprezo. Os Barbaros não se entendem com esse povo que defendem ou devastam. Para o Romano, o Estado é tudo, o cidadão não é nada; para o Germanico, o Estado não é nada, o individuo é tudo.

Cada chefe de familia fixa-se onde quer, *ut fons, ut nemus placuit*, governa sua casa como o entende, accerta a justiça de seus pares ou ministra-a, alista-se para a guerra sob o chefe que escolhe, não reconhece superior senão ao que se submete, não paga imposto senão o que vota, e pela menor injustiça invoca Deus e desembainha a sua espada. Eis aqui a destruição de todas as idéas romanas, o inverso da sociedade imperial. Entre os Germanicos ha uma prodigiosa liberdade, mas uma mediocre segurança; entre os Romanos ha uma grandissima segurança, excepto o temor ao principe e aos seus agentes, e uma policia vigilante e agitadora, mas liberdade nem por vista.

A altiva independencia germanica não foi de curta duração.

Quando o Germanico está estabelecido como dominador pelas provincias que lhe abandona a fraqueza imperial, faz logo por cortar a propriedade á sua imagem, e a quiz livre como elle.

Qual foi então a ambição dos grandes e da Igreja? Obter uma imunidade, — isto é, o direito de governarem independentemente um dominio povoado por numerosos vassallos.

A justiça, a policia, o imposto andam inherentes á terra, e a segue para a mão de quem passar. O feudalismo é o florescimento d'este systema: —era uma confusão entre propriedade e soberania.

O barão, o rico-homem, é senhor da sua terra, chefe na guerra, e o juiz em tempo da paz. E' só para com elle que têm deveres os seus vassallos, só elle é que está obrigado para com o sozerano ou o rei.

Eis-nos bem longe do imperio. Ne-

nhuma centralisação, nenhuma unidade, mas uma gerarchia confusa, a cada passo, direitos differentes, obrigações diversas; o contracto por toda a parte, em nenhuma o Estado. Nem administração, nem exercito, nem imposto; nada semelhante com o systema romano, nem com a nossa sociedade moderna.

Todavia cumpre não tomar esta confusão por anarchia; a anarchia não dura cinco seculos; que povo a supportaria por tanto tempo? Tão odioso que o feudalismo tivesse parecido a muitos historiadores, é necessario não lhe attribuir todas as miserias do tempo. Nada prova que a servidão não tivesse sido tambem rude sob uma realza illimitada. Os colonos romanos não foram menos espezinhados que os servos da idade media: tambem até 1861, a Russia nos mostrou uma servidão horrenda sob uma nobresa decrepita e um tzar absoluto. Pelo contrario, o Estado onde foi completo o triumpho dos varões, a Inglaterra, tambem foi o primeiro paiz em que decaiu e desapareceu a servidão.

Havia pois, no feudalismo outra coisa que o despotismo dos senhores; havia uma seiva fecunda: esta seiva que se occultava sob o privilegio, — era a liberdade.

De outro modo, como explicar aquella florescencia do 13.º seculo que só se pôde comparar com as mais bellas edades da historia? Uma nova arte nasce e desabrocha-se: os poetas cantam e transformam idiomas grosseiros em linguas que não devem morrer; a França, a Inglaterra, a Allemanha, a Peninsula-Hespanica, a Italia, cobrem-se de cathedraes, mosteiros e castellos. Cego e injusto seria aquelle que não reconhecesse n'esta renovação de todas as coisas a unica força que regenera a humanidade!

O feudalismo é um regimen que se pôde criticar ou louvar, segundo o ponto de vista em que nos collocarmos. Se fallamos dos senhorios: Igrejas, Universidades, baronias feudaes, comarcas, corporações, ha por toda a parte uma liberdade da acção como é para lamentar não a haver hoje; se fallamos dos não proprietarios: servos, *villãos*, etc., ha oppressões e miserias.

Mas que nos seja licito aqui, a proposito, uma pequena digressão: pois o camponez da Ilha da Madeira não está actualmente, com relação aos senhorios das terras, em peor condição?!. . . Desenganem-se. A questão tão agraria da Madeira, ou antes o systema de colonisação ainda ali em vigor, que está bradando aos ceus, hade vir, quer queiram quer não, tarde ou cedo, á luz do dia com todos os seus horrosos processos. O' seculo das luzes!... Não serão, por certo, os corrilhos po-

liticos da Ilha que se honrarão com o levantar esta importante questão! Mas é o governo que deve compenetrar-se do estado lastimoso d'aquella formosa terra, e da impreterivel necessidade de a levantar do abatimento em que jaz.

Toda a delonga é prejudicial na conjunctura em que ella se acha, — isto é, nas relações entre os senhorios e os colonos...

Tudo quanto ali se está fazendo hoje (portos artificiaes, correcções das matrizes, novas comarcas ou extincções, novos concelhos ou extincções, etc.) para sair da crise, ou nada que se faça hoje para d'ella sair, é peor. Cuida-se fugir do abysmo, e vae-se direito a elle. O' seculo das luzes!...

Mas continuemos.

Todavia, o espirito germanico não bastou para dar razão d'aquelle renascimento; a grandissima parte, a principalissima cabe á Igreja, a verdadeira mãe da sociedade moderna.

Effectivamente, quando os Barbaros tiveram a pés o Imperio, acharam-se acampados no meio d'um povo que não conhecia nem a sua lingua, nem as suas idéas, nem os seus costumes. Entre vencedores e vencidos só existia um laço unico commum, — a Religião. Foi a Igreja, portanto, quem approximou e fundio n'um todo o que se chamava a civilisação e o que se chamava a barbaria; dois estados relativos, e então menos seperados como nunca.

Este papel tutelar da Igreja applica a influencia que ella teve durante a idade media (8 seculos!)

O Chrisitanismo havia metamorphosado os povos barbaros. A corrupção da velha civilisação misturada com a barbara torna os homens repugnantes; mas essa corrupção fôra o vicio dos grandes; o povo toma o germe christão, e entra resolutamente ao serviço da Igreja. Assim começa, no meio das trevas e das desordens, uma nova civilisação.

Levada pela opinião, Roma, de auxiliar faz-se senhora, e pensou submeter o poder temporal; não, comtudo, que quizesse reinar por meio dos padres; a altivez germanica ou feudal a isso teria resistido: o que pede um Gregorio VII ou Innocencio III, é só unicamente que os reis se declarem vassallos espirituaes, filhos obedientes da Igreja, e lhe reconheçam a ultima instancia.

Desde então houve uma concepção de Estado inteiramente differente da idéa romana; dois poderes dividem entre si o mundo; e não era pela força brutal, mas pela auctoridade religiosa, — isto é, pelo poder moral e inte-

ctual; que se designava a suprema direcção dos negocios humanos.

A Igreja feudal como a Igreja barbara toma a serio este governo dos espiritos que lhe deferia a opinião.

Era preciso á Igreja a alma inteira das novas gerações: a fé, o culto, a moral, a educação, as letras, as sciencias, as leis civis e criminaes; ao principe ficava o corpo. E eis como a idade media resolvia a difficil questão dos limites do Estado.

Acaso era esta a divisão entre o poder temporal e a Igreja um despotismo de duas cabeças? Não era; a Igreja foi por muito tempo liberal, e, a não ser a heresia, não temia a liberdade.

Porque ser injusto?—A Igreja não dava mais do que o liberalismo que lhe pedia a consciencia publica.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO RELIGIOSA

Esboços Apologeticos da Religião Catholica

Não nos enganamos quando n'um dos passados numeros, na secção respectiva annunciavamos que louvor merecido, este livro devido á penna do illustado sacerdote, Rev.^{mo} Snr. P.^o José Victorino Pinto de Carvalho. Pelo triumpho que este livro acaba de alcançar damos os parabens a S. Rev.^{mo} e congratulamo-nos publicando a manifestação que o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo d'Angra faz publicar como approvação e recommendação do livro que nos occupa.

Careciam todos os livros da protecção dos Prelados, quando d'isso os julgassem dignos, e estava n'isso um grande serviço prestado á Religião.

Felizmente, hoje os Prelados portuguezes, sabem o que vale o livro, o que vale o bom jornal, e, louvores a Deus, não lhe recusam o seu beneplacito, como fez agora o venerando Prelado de Angra com o seguinte:

MANIFESTO

D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Angra e ilhas dos Açores, do Conselho de Sua Magestade, Comendador da Ordem de Christo, etc.

A TODAS AS PESSOAS, QUE DO PRESENTE TIVEREM CONHECIMENTO PAZ E GRAÇA

Tendo Nós lido com particular

agrado o livro intitulado *Esboços apologeticos da Religião Catholica*, composto pelo Muito Reverendo Senhor José Victorino Pinto de Carvalho, Reitor da freguezia de Mancellos, não só felicitamos o auctor pela sua vasta erudição e zelo religioso, que no mesmo livro mostra, mas recommendamos esta obra a todas as pessoas, e principalmente ao Reverendo Clero, porque n'ella se encontram não só a sã doutrina, mas as refutações, ainda que laconicas, de grande numero de erros e injustas invectivas contra a nossa sancta religião, supprindo este precioso livro uma numerosa livraria: na certeza de que toda a pessoa de bons sentimentos que o ler, se felicitará pela aquisição de tão rico thesouro.

É em testemunho d'estes nossos sentimentos e desejos, mandamos fazer o presente, que será enviado ao auctor, para d'elle poder fazer o uso que julgar conveniente.

Dado em nossa Quinta do Immaculado Coração de Maria aos 28 de agosto de 1886.

João Maria, Bispo d'Angra.

A educação das creanças

O ENSINO da Moral e da Doutrina Christã é materia da mais alta importancia. O homem não é um ser isolado no mundo, está pelo contrario ligado á cadeia dos seres como um elo se liga a outro elo. Participa de natureza physica e da natureza moral. Como ser physico habita o planeta terra que faz parte do Universo, do qual o sol é o centro. Como ser moral está ligado a outros seres, gravitando todos em torno d'um centro — Deus.

Assim como na ordem physica estão relacionados os diferentes seres, formando uma escala de menor para maior, estando por exemplo a lua subordinada á terra e a terra ao sol, assim na ordem moral o homem está subordinado aos poderes constituídos em escala ascendente, e esses poderes a Deus. Assim como na ordem physica os reinos mineral e vegetal servem ao reino animal, e n'este os diferentes animaes ao homem, assim na ordem moral os poderes inferiores servem os superiores, e todos a Deus.

E' o homem, pois, um ser subordinado; é livre sim, mas não no sentido de estar isento de laços que o prendam aos outros seres moraes, isto é livre de deveres. Os deveres que tem a cumprir são de tres classes: para com

Deus, para consigo e para com os seus semelhantes. A sciencia que ensina esses deveres chama-se a Moral. A Moral é de sua natureza sciencia pratica, e n'essa qualidade faz parte da Theologia, que se divide em dogmatica ou especulativa, e pratica ou moral. Sendo ella de sua natureza pratica, praticamente deve ser ensinada ás creanças.

Isto não quer dizer que ella não tenha principios que seja necessario ensinar ás creanças, e fazer-lhes fixar; mas sim que não devem ensinar-se longas theorias, e só principios elementares, que ellas possam facilmente comprehender e reter na memoria. Deve ser principalmente ensinada d'um modo pratico, isto é, por meio de exemplos tirados da historia sagrada e profana, e em especial da historia pratica e mesmo de factos succedidos na localidade onde habitam as creanças, exaltando as boas acções que se tiverem praticado, e verberando as más, mas só aquellas que forem do dominio publico, ou em que tiver sido offendida a moral publica. N'isto deve haver o maior cuidado e cautella, para que não se converta em maledicencia aquillo que deve servir para mover as creanças a fugir dos vicios e a abraçar a virtude.

No ensino da Moral deve educar-se principalmente a vontade, para que ella tenda constantemente para a virtude, e os sentimentos e affectos, para que as creanças só sintam prazer na pratica do bem. A vontade é uma faculdade que tem o homem de poder decidir-se por uma de duas partes contrarias, que relativamente á Moral se chamam o bem e o mal: o bem, que consiste na conformidade das acções com a lei, quer seja a natural, quer escripta, de Deus, ou dos homens; o mal, que consiste na desobediencia, á lei, chamando-se theologicamente peccado, desobediencia que, quando constitue um habito, se chama vicio ou paixão. Os paes e os mestres devem inclinar o coração das creanças para o bem, cuja pratica, quando constitue um habito, se chama virtude; e, como o bem consiste na conformidade das acções com a lei, deve dizer-lhes que essa lei é anorma das acções humanas; que está gravada no coração de todos os homens, chamando-se lei natural; que está expressa nos Livros Santos, e em especial no Evangelho, chamando-se lei escripta; que está exarada nos codigos feitos pelos homens, chamando-se lei humana, a qual deve conformar-se com a lei natural escripta. E, como o homem é composto de alma e corpo, devem ensinar-lhes que as leis dos homens são ecclesiasticas ou profanas, conforme se referem mais particularmente á vida espiritual ou corporal.

Os bons sentimentos e affectos de-

vem ser despertados nas creanças, porque são um grande auxiliar da vontade na pratica do bem. Mas devem ser os bons sentimentos, porque os maus por si mesmos se despertam, e sem esforço se alimentam. visto que o homem, na phrase da Escriptura, é inclinado ao mal desde a adolescencia.

A vontade no homem é como o fiel d'uma balança: d'um lado estão a razão e a lei, os bons sentimentos e affectos, a verdade e o bem, a boa educação e o bom exemplo; do outro estão a sensualidade e as paixões, os maus sentimentos e affectos, a má educação e o mau exemplo. Se o homem se inclina para a lei e para a verdade, pratica o bem; se se inclina para a sensualidade e para o erro, pratica o mal. E os paes e os mestres devem fazer pender o fiel da balança para a verdade e para o bem, já ensinando os principios da Moral, já apresentando exemplos aos meninos, contando-lhes mesmo parabolias e apologos que ensinam o bem recreando.

O que chamamos Doutrina Christã contem parte theorica e parte pratica. A parte theorica refere-se ás verdades que devemos crer, a pratica aos preceitos que devemos cumprir. Em relação a estas duas partes o ensino deve ser theorico e pratico tambem: theorico, que consiste na recitação e fixação do cathecismo, e na leitura e explicação resumida do Evangelho; pratico, que consiste no bom exemplo dado pelos paes e professores em estudar as verdades religiosas, cumprir os deveres de bom christão, e vigiar que os seus filhos e discipulos os cumpram tambem, fazendo-lhes sentir que o jugo de Christo é suave, e leve o onus que impõe. No ensino da Doutrina Christã deve adoptar-se um cathecismo approved pela auctoridade ecclesiastica, e fazer-se a explicação literal do mesmo, mas sem pretender explicar os dogmas da religião christã, porque, além de muitos paes e professores não estarem no caso de fazerem essa explicação, pertence ella propriamente aos Parochos, e pouco ou nada aproveitaria aos meninos, que não comprehenderiam a explicação que se lhes fizesse. Deve mostrar-se ás creanças a relação que ha entre as verdades religiosas e os mandamentos, mas sem divagações, e explanações, que mais confundiriam do que esclareceriam a intelligencia das mesmas creanças. Deve dizer-se-lhes, por exemplo, que, sendo Deus Creador de todas as cousas, infinitamente Bom, Sabio e Justo, e nosso Remunerador, devemos amal-o sobre tudo: que, sendo Deus a Verdade por excellencia, não devemos mentir, principalmente quando prestarmos um juramento; que, sendo Deus um bom Pae, devemos amar nos-
sos paes terrenos, e obedecer-lhes por-

que representam para nós o mesmo Deus na terra: que sendo Deus Remunerador, isto é, premiador da virtude e castigador do vicio, e sendo os outros homens, como nós, filhos de Deus, não devemos prejudicar o proximo na sua vida, na sua honra, na sua fazenda, etc. Assim educadas, as creanças serão um dia uteis a si mesmas, ás suas familias e á sociedade; e terá a Patria leaes servidores, a Igreja filhos obedientes e Deus fieis adoradores.

C. D. Grillo.



Salvê Virgem do SS. Rosario!

No vosso Rosario, oh Virgem, encontro toda a doçura!

Um *Ave* recitado com devoção ganha a vossa vista no ceu!

Deus vos salve, singular ornamento do ceu, e amparo da terra.

Deus vos salve, Virgem do SS. Rosario, Mãe mil vezes ditosa do Rei Eterno:

A vós, oh Virgem, todas as cidades e todas as gerações inclinam a cabeça.

A vossos pés se derriba toda a redondeza da terra, porque depois da ineffavel e summa Trindade não ha no palacio do ceu formosura igual.

Os demonios tremem ao ouvir o vosso nome. Descobrimo-se o vosso rosto resplandecente fogem as trevas, e ao vosso manto se abrem as portas do ceu.

O navegante em risco de vida no largo Oceano, tomando o vosso Rosario, basta dizer: Senhora, sou vosso filho, para chegar salvo ao porto e se abaterem as ondas. Quando o trovão troa no ar, o raio crusa o espaço, um olhar terno e confiante no vosso Rosario e na vossa misericordia afugenta a tempestade, consola os corações abatidos.

Quando a desconsolada viuva chora e lamenta a perda do esposo, pensa na viuvez em que nos deixou o vosso Jesus e a sua dor está curada.

Quando a filha orphã chora junto de Vós a falta da carinhosa mãe que perdêra na manhã da idade, Vós chegues, estendeis o vosso manto e lhe dizeis: filha não estás só no mundo; ora e crê.

Oh Virgem do Rosario, força dos fracos, allivio dos orphãos, consolação dos afflictos, não nos

desampareis nos tormentos d'este mudo!...

Oh Maria, quanto me agrada aquelle bello nome com que a Santa Igreja e os vossos amantes servos vos chamam: *Mater amabilis!*

Na verdade, Senhora, que vós sois a creatura mais nobre, mais sublime, mais pura, mais bella, mais benigna, mais santa, e mais amavel de todas as creaturas.

Oh! se todos vos conhecessem e amassem como vós mereceis!

Eis aqui, minha Mãe, o que eu agora desejo; sim, desejo amar-vos muito, muito, mas este amor, Vós é quem m'o podeis alcançar de Deus.

Oh, minha Mãe, que todos implorem o patrocinio do vosso Rosario, que todos vos entoem um *Ave* em cada momento das tentações é o que eu desejo, minha carinhosa e terna Mãe.

Depositae no thesouro das vossas graças as humildes palavras que a Vós dirige esta vossa serva; accetae-as como ellas são pobresinhas; e dignae-vos illuminar a minha intelligencia para que melhor vos possa glorificar.

Adeus, minha Mãe, abençoa-me que saio junto de vossos pés, ajuda-me nos meus trabalhos, dae-me forças nas tentações e auxilio para que possa, como devo, ajudar aquelles que me destes, n'este mundo por paes.

Adeus, minha Mãe, logo volto para junto de Vós.

Salvê Mãe dos peccadores!

Salvê Regina Sacratissimi Rosarii!

Hedwiges Christiana Elisabeth da Silva Freire.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Suicidio

II

SUICIDIO é defeso pela lei divina positiva. Deus prohibiu desde o principio do mundo o homicidio, e puniu-o severamente na pessoa de Caim (1). Renovou a prohibição depois do diluvio. «Se alguém derramar o sangue humano, será punido com a effusão do seu proprio sangue, porque o homem é feito á imagem de Deus (2). A lei do deca-

(1) *Genes.*, c. 1, v. 10.

(2) *idem*, c. 9, v. 6.

«lago, não matará», não é mais que a repetição da lei primitiva. Ora, ao homem não é mais licito destruir a imagem de Deus na sua pessoa do que na de outra.

Diz-se que esta lei tem excepções; não admittre nenhuma, a não ser que o bem geral da sociedade o exija. Ora, a sociedade é que compete julgar os casos em que o seu interesse exige se condemne á morte um malfetor. Não compete a qualquer particular decidir sobre este negocio, ninguém tem o direito de se condemnar a si mesmo á morte; a mesma sociedade não teria este poder, se Deus não lh'o outorgara. Convem, pois, provar que o *suicidio* é conforme aos interesses da sociedade.

«Sois vós, Senhor, que tendes o poder da vida e da morte... Um homem pode tirar a vida a outro por malvadez; mas não lh'a pode restituir, o lhe é impossivel subtrahir-se á vossa mão (1). «Ai d'aquelle que resiste ao seu Creator; o vaso de barro dirá ao oleiro: que fizeste tu? «então sou eu a obra de tuas mãos? «etc. (2).» Ora, tirar o homem a vida a si proprio sem que Deus lh'o ordene, é resistir a Deus.

Porém, replicam os nossos dissertadores, ha na historia sagrada varios exemplos de *suicidios* que não são censurados nem condemnados, e citam Abimelech, Samsão, Saul, Achitopel, Zambri, Eleazar e Rozias. Convem examinar minuciosamente estes *suicidios*.

1.º E' falso que nenhum d'estes personagens não fosse censurado. De Abimelech está dito que Deus o recompensara do mal que elle fizera á sua familia, decapitando seus irmãos em numero de setenta (3). Saul é representado como um rei reprovado por Deus, que a vingança divina perseguia, e a quem a sombra de Samuel predicara uma morte proxima (2). Achitopel é pintado como um traidor, infiel a David, seu rei, applicado a confirmar Absalão na sua revolta; e suggerir-lhe crimes (4). Zambri era um usurpador da realeza; o escriptor sagrado diz que elle morreu no seu peccado (4). Isto não são nem elogios nem approvações.

2.º Samsão e Eleazar não foram *suicidas*; entregando-se a uma morte certa, o seu designio principal não era destruir-se, mas vingar a sua nação dos inimigos d'ella. Samsão pede a Deus lhe dê força para tirar vingança dos ultrages dos Philisteos (5).

De Eleazar está escripto que elle se entregara á morte a fim de libertar o seu povo (1). Não foram nunca considerados como *suicidios* os actos tão celebres de dedicação de que a historia faz menção, nem a coragem dos que se entregaram a um vencedor irritado, a fim de salvarem os seus concidadãos, nem a intrepidez dos guerreiros que se lançaram no meio dos batalhões, inimigos, no intuito de inspirarem o mesmo valor aos seus soldados.

3.º Os elogios feitos a Razias no segundo livro dos *Machabeus* (2), constituem uma difficuldade maior. Este judeu mata-se a si mesmo para evitar o cair nas mãos dos satellites que o perseguiam, e para se subtrahir aos tormentos que lhe preparavam com o designio de o obrigarem a mudar de religião. Pode-se desculpal-o pela intenção e falta de reflexão n'um momento de angustia tão cruel. O seu procedimento é louvado como um rasgo de coragem, e não como o effeito d'um zelo esclarecido. Assim o entendeu S. Agostinho (3). Não ha n'este *suicida* um hypocondrio que se mata a sangue frio para se desembaraçar do fardo da vida; ha um homem perturbado á vista do perigo, o que de dois males inevitaveis escolhe o que lhe parece menor. A mesma cousa succedeu com varios martyres, com o exemplo dos quaes virão por-nos objecção.

(continua)


P.º M. J. G. P.—V.

SECÇÃO CRITICA

Coisitas!

(AO CORRER DA PENNA)

(Continuado do n.º anterior)

 TAL snr. Carvalho não é o unico individuo, que professa e advoga taes principios, bem como não é só elle, que tem medo dos jesuitas, do jesuitismo, da reacção, dos lazaristas, do lazarismo, das irmãs de caridade, do beaterio, e de mais coisas do *kalendario* do costume.

Isto agora é uma scisma, como qualquer outra. Em tudo e em toda a parte não veem certos *sujeitos* senão jesuitas e jesuitismo, reacção e lazaristas.

E por este principio, dentro em pouco, os que não pertencerem ao gremio dos *taes sujeitos*, estão no perigo

de não serem senhores do que é seu, especialmente os que se aggremaem para constituir qualquer sociedade.

E o caso explica-se. Está um cidadão muito descansado em sua casa e com a sua familia, ou existe em qualquer parte uma associação qualquer.

O governo quer deitar as unhas ás propriedades d'esses sujeitos. Encarrega a um snr. *Carvalho* do «Conimbricense» e a outros que taes, que façam publico pelos seus jornaes, que em tal ou tal casa, n'esta ou n'aquella terra, na propriedade de tal ou tal cidadão, existe um fóco de reacção jesuitica ou de beaterio.

O pacifico cidadão vê no dia seguinte assaltada a sua propriedade, é posto no meio da rua e os seus haveres passam para o governo ou servem para pagar os *serviços* de certos *patriotas benemeritos*.

* * *

Segundo alguns amantes da *liberdade de funil*, os jesuitas e os lazaristas são a causa de todos os males, que affligem a nossa patria e a humanidade em geral.

Houve até quem chegasse a avançar n'um d'esses *comícios anti-jesuiticos*, uma proposição bem desparatada. E' esta:

«Que a maior parte dos crimes, que se commettem no nosso paiz e talvez em todo o mundo são feitos ou promovidos pelos jesuitas!!»

E então!? Haverá, por ventura, um desparate mais irrisorio?

Faz lembrar alguns estribilhos, que se cantarolavam no tempo da revolução, denominada — *patoleia*, em que todos os males eram attribuidos aos (snrs.) Cabraes.

Então se dizia:

«Se nos campos ha pardaes
«é por culpa dos Cabraes.....

.....
«Se as *coisas* não correm bem
«os Cabraes a culpa tem!.....

.....
«Se pelo reino ha *chupistas*,
«é por culpa dos *cabralistas*...

.....
Hoje, os jesuitas são os culpados de tudo. Se adoecer ou morrer uma qualquer pessoa, que esteja n'um collegio, recolhimento ou outra qualquer casa, que se diga ser dirigida por jesuitas, são estes a causa de tal acontecimento, como se só lá se possa adoecer e morrer e ninguém morra ou adoença n'outras partes.

Vão ahi quaesquer padres prégar a qualquer terra, ainda que não sejam

(1) Sab., cap. 16, v. 13.

(2) Isai., cap. 45, v. 9.

(3) *Judic.*, c. 9, v. 36.

(4) *II Reg.*, c. 1, v. 15.

(5) *II Reg.*, c. 16 e 17.

(8) *IV Reg.*, c. 16, v. 18 e 19.

(9) *Judic.*, c. 16, v. 28.

(10) *Machab.*, c. 6, v. 41.

jesuitas; é-lhes logo dado este epitheto pelo snr. do «Conimbricense» e mais *collegas*. Já a *liberdade* está em perigo, mas é a *liberdade de fanil*, a liberdade só d'elles e para elles. Já ninguem pôde contar com o que é : eu.

Já os filhos e as filhas fogem aos paes e às mães. Já está tudo perdido. Já é preciso, que o povo prepare um bom cacete, para dar cabo dos jesuitas. Já é preciso, que o povo se revolte contra essas *toupeiras*, esses inimigos da luz, esses vampiros, esses scelerados, esses perversos, esses...

Não é preciso dizer mais!

* * *

Todo o padre, todo o catholico, todo o homem, que se presa de ser temente a Deus, é para os taes snrs., que se appellidam *espíritos fortes*, nem mais nem menos, que um grande *jesuita*.

E a pena que tem certos sujeitos é não poder esmagal-os, isto é, não poder acabar com tudo o que seja religião catholica, seus seguidores e especialmente os seus ministros.

Apontam as grandes maldades, as infamias, os factos escandalosos e os antrós obscuros d'esses *inimigos da luz* e defensores das trevas.

E, quando descobrem algum *facto escandaloso*, que quasi sempre não passa de uma patranha, atiram-n'o logo aos ventos da publicidade, batem as palmas de contentes e todos se regosijam, porque acharam mais uma boa mina a explorar, para apresentarem argumentos contra o *jesuitismo*, contra o *lazarismo*, contra as irmãs de caridade, contra tudo, o que lhes não agrada. E então appellam immediatamente para a dignidade do povo e dizem a este, que só com um bom marmeleiro é que pôde e deve castigar taes insolencias e maroteiras e que faça o povo justiça por suas mãos!

Que bella doutrina! Que principios humanitarios! Que legislação tão *amavel!*

* * *

Os taes *espíritos fortes* andam sempre à procura de *factos escandalosos*, que possam servir-lhes de pretexto contra o *jesuitismo*. E, apesar de *espíritos fortes*, são tão fracos que se... assustam de medo e tremem como varas verdes por causa de meia duzia de mulheres e de alguns padres, que, segundo esses *espíritos*, são estúpidos, ignorantes e gente sem importancia!

Esses *espíritos fortes* lamentam-se e ralam-se, quando não encontram ou não descobrem um motivo de accusação contra os jesuitas. Sentem essa falta. Desejam mesmo, que haja muitos motivos de accusal-os.

Para prova do que dizemos, vamos

apresentar aos leitores um trecho do n.º 395 do «Correio de Campinas» (Brazil), de 30 de abril do corrente anno.

Agora mesmo, por um feliz accaso encontramos esse jornal a embrulhar uns lenços, que mandamos comprar a uma loja.

Vejam, vejam, como os *inimigos das trevas* se lamentam por não encontrarem motivos de accusação contra os *inimigos da luz*.

Segue-se o tal trecho:

«Corre na imprensa que os reverendos padres jesuitas do collegio de S. Luiz, de Ytu, costumam rachar as mãos dos alumnos a palmatoria.

Um collega da capital allude ao facto e cita mesmo um caso horripilante acontecido ha tempos em que um alumno de ss. rev.^{mas} foi surrado, ficando com as nadegas a escorrer sangue!

Na vespera de Ramos um estudante filho de um fazendeiro de Indaiatuba teve as mãos inchadas de bôlos, uma palmatoada na cara e outra no pescoço.

Na minha qualidade de livre-pensador, avesso ao ensino religioso, declaro que applaudo de coração o facto e desejo ardentemente que assim tenha acontecido.

Receio, porém, que não passe o caso de uma allegação inepta contra os rev.^{os} padres de Jesus e vou dizer porque.

Os padres jesuitas, velhos luctadores contra a insurreição do espirito innovador de todos os tempos, que resistiram à excommunição de Gauganelli e aos decretos de Pombal, que sobrenadaram ao naufragio das ordens monasticas e que apesar de todas as hostilidades vivem e influem na direcção dos governos e da sociedade, os padres jesuitas, repito, não perderam infelizmente nada da sua velha astucia, do seu incomparavel atilamento, da sua artilosa politica, para irem agora cahir na tolice de surrar os seus queridos alumnos.

Oxalá fossem verdadeiros os factos allegados. No dia em que o collegio de S. Luiz de Ytu incluir no seu programma de ensino o regimen da palmatoria, da vergasta e da surra, poderemos nós outros, os inimigos inconciliaveis da reacção jesuitica, considerar triumphante a causa do ensino secular.

O jesuita poderá ser tudo quanto quizerem, menos ignorante dos interesses da sua Ordem e dos meios de propagar a sua doutrina e a sua fé.

Ora os meios de propagar o ensino religioso, não são certamente a promessa de uma surra como primeira condição de matricula.

.....
.....
.....

Faço-lhes a justiça de adversario leal suppondo que não ha um jesuita bastan-

te inepto e util ao progresso do tempo, capaz de introduzir em collegio da Ordem o regimen da surra.

F. Detal.

E então? Não devemos dar os sentimentos a este snr. F. Detal, por não encontrar motivos para censurar os jesuitas? Que pena! Que magua não tem o tal sujeitinho de não satisfazer os seus desejos?

E como elle são outros muitos, que andam à procura de defeitos dos jesuitas, para os mostrar ao publico.

.....

Continuaremos a mandar d'estas *coisitas*, se forem admittidas n'estas columnas e não nos faltar a paciencia.

Um Catholicico.



Coisas! Coisas!

HESTES nossos homens de Estado e jornalistas revolucionarios são de uma figa, isso verdade, verdade!

Os nossos queridos leitores não se recordam da estúpida, malcreada e atrevida Portaria com que o snr. Pinheiro Chagas, entio ministro da Marinha, censurou o virtuoso e illustradissimo Arcebispo de Goa, por S. Ex.^a Rev.^{ma} compir as determinações de Sua Santidade?

Pois esse mesmo snr. das Chagas, que, nas horas vagas, em que não é ministro nem soldado, maneja a penna de jornalista como director ou redactor do *Correio da Manhã*, e que achou inconveniente a Pastoral do Venerando Primaz do Oriente, é o mesmo que no seu jornal escreve atrevidas macreações, dignas de censura, e dignas de censura do proprio, do mesmo snr. Joaquim Martins de Carvalho, do *Conimbricense*.

Diz este homem das collecções, falando do facto alludido:

«Publicou o nosso collega de Lisboa, do *Correio da Manhã*, em seu numero de sabbado, uma inaudita verrina, no estilo mais descabellado possivel, contra o actual governador civil de Coimbra, o snr. conselheiro Julio Lourenço Pinto.

«Apesar dos excessos que estamos vendo na imprensa e a que nos referimos em o numero passado d'este jornal, confessamos que nos surpreendeu que o illustrado director d'aquelle periodico, o snr. Pinheiro Chagas, escrevesse ou consentisse que se publicasse, como da redacção, semelhante escripto.



SANTO ELIAS ARREBATADO AO CÉU.

«O snr. governador civil de Coimbra, Julio Lourenço Pinto, desde que veio para esta cidade tem gosado da consideração dos homens de todos os partidos, sem excepção alguma; havendo prestado á administração do districto serviços importantes, que podiamos aqui relatar se fosse preciso.

«Ha em Coimbra nada menos de 8 periodicos politicos, desde o miguelista-reaccionario até ao socialista, e ainda até hoje nenhum d'elles publicou uma unica palavra em desabono do sr governador civil; antes alguns lhe não têm poupado francos elogios.

«Agora compare-se isto, que é exacta expressão da verdade, com a incrível diatribe publicada no *Correio da Manhã*!»

Aqui está uma prova do que são os nossos governantes, do que são os ministros da corôa do Rei de Portugal, do que vale a redacção de um jornal onde se vão recostar os conselheiros da coroa!

E o snr. Martins, do *Conimbricense*, que applaudiu o snr. das Chagas quando censurou o respeitavel Prelado de Goa, chicotea-o agora porque a sua pena raspou pelo costado de algum irm.º de alta graduação na chafarrica.

E' que Carvalhos e Pinheiros chagados são todos dois uns alhos!

Lamentamos as grandes desgraças que se vão presenciando, e sentimos até ter de narral-as; mas temos ao mesmo tempo um certo prazer, quando umas tantas *cousas* vem confirmar o errado caminho que muita gente leva.

Tem-se fallado da opposição feita na Misericórdia do Porto á proposta do Exc.º Conde de Samodães para a entrada de Irmãs Hospitaleiras n'aquella casa de caridade, e, *cousa* pasmosa! parece que o Mafarrico, julgando que não havia ainda bastantes factos que provassem o quanto são prejudiciaes os enfermeiros laicos nos hospitaes, empregou as suas sinistras manhas para nos dar mais uma prova. Foi, talvez, para confundir o snr. Padim, do Porto, que o bicho feio preparou a tragedia representada ha pouco no hospital Estephania, de Lisboa.

Narremos o acontecido a largos traços.

No Hospital Estephania, entre outros enfermeiros havia uma mulher á verdadeira altura de um seculo que não quer Irmãs da Caridade nos hospitaes. Era tal a *pureza*, a *candidez* d'aquella alminha, que havia relações impuras com um irmão (horror!) de quem tivera 3 filhos, crime que Deus castigou, pelas mãos do mesmo malandro, que, de faca em punho, entrou no hos-

pital e matou a irmã com oito facadas! Isto no hospital, de dia, diante dos directores, dos medicos e dos outros enfermeiros!

Ora não é uma cousa muito bonita, levar á scena n'uma casa onde deve morar a paz, a virtude, a abnegação, o heroismo, uma comedia tão atrocemente horrivel, tão horrivelmente escandalosa, tão escandalosamente infame!

Mas agrada aos inimigos das Irmãs da Caridade uma scena d'estas, porque lhes agrada a concubinação nos hospitaes, e talvez que nós podessemos provar isto que dizemos, apontando um hospital, e uns inimigos da entrada das Irmãs n'esse hospital, onde a mais atroz concubinação imperava. Talvez o podessemos fazer, mas

Recommendamos ao snr. Padim a leitura d'estas linhas, porque depois talvez s. a.º se colloque do lado do sr. Conde de Samodães, e seja o primeiro a chamar as pobres Irmãs para o hospital do Porto.

Um jornal narra o seguinte, que transcrevemos por nos parecer proposito de muitas cousas:

«Ella tinha apenas dezeseite annos, conta a Italia. Ella era bella e rica, a «duchessina» do Tremestiere.

Amava ardentemente um moço distincto; mas seus paes não a deixavam desposal-o, porque elle não era nobre nem rico.

No domingo á noite os paes da joven duqueza declararam-lhe formalmente que não consentiriam nunca n'uma tal união.

A pobre menina foi encerrar-se no seu quarto, com o coração despedaçado. Pelas tres horas e meia a sua camarista foi pedir-lhe que comesse alguma cousa; mas a «duchessina», que tomára já veneno, recusou. Teve força para abafar os gritos que lhe subiam até aos labios; mas por fim, vencida pela dor, estendeu a mão para o botão da campainha electrica collocada á cabeceira do seu leito e tocou.

A criada e depois os paes acudiram e encontraram a infeliz em ancias e em dores atrozes.

Correram a chamar o medico, mas quando este chegou era muito tarde.

Não é uma historia engraçadissima, ainda que pequena? E é só engraçadissima a historia? Não terá outro lado por onde se encare? Nem ao menos se lhe fazem commentarios, nem se aponta quem preparára a gentil duqueza para a grande tragedia, que lhe deu a vida por finda?

Quem a preparára! Isso não se diz, porque é forçoso que o inimigo conti-

nua a fazer victimas, é forçoso que os suicidios se repitam, é uma necessidade que a humanidade se não esqueça de que está no seculo dezenove, no seculo do romance e do jornal de dez reis.

O romance e o jornal de dez reis, são os que preparam todos os suicidios, todos os crimes, tudo quanto empana o caminhar d'este seculo gigantesca e progressista, mas, infelizmente, progressista no mal.

Mas não se aponta o auctor do crime, porque o auctor do crime não é um padre.

Se a rica duqueza, longe dos romances e da leitura dos jornaes que apregoam a unidade da Italia, tivesse os olhos fictos no céu, e aprendesse desde creança onde a mulher encontra guarida nas horas de maior agonia, fugiria da casa paterna. Desobedeceria aos paes, quebraria a coroa ducal, e partiria o escudo nobiliarchico, mas, iria bater ás portas de uma casa religiosa, pediria guarida entre as filhas do Senhor, daria um adeus ao mundo, far-se-hia freira, ou irmã da caridade.

Freira, ou irmã de Caridade! Cruzes! S. Jeronymo, Santa Barbara Virgem!

Freira, ou irmã da Caridade, em pleno seculo das luzes!

Estava bem servida a pobre da fidalga italiana! Se em tal cahisse, para logo o jornalismo liberalasta de todo o mundo se levantaria em gritos medonhos, ameaçando, de punhos serrados, todos os padres, todas as superiores de Irmãs de Caridade, e todos os Bispos, e o Papa, e os governos, e a policia, porque *os abutres roubaram á sociedade e á civilização uma mulher!*

Como, porém, a leitora de romances e de jornaes das ruas poz termo á vida, se descartou, mostrou as cartas em principio do jogo, com receio de ficar em trinta, os amigos de noticias palpitantes apenas narraram o facto, porque elles foram os assassinos, porque a juvenil senhora se não suicidára, mas se deixára assassinar pelos civilisadores do seculo dezenove, pelos que vendem veneno todos os dias, em pequenas doses, envolto, ou no folhetim do jornal, ou no luxuoso volume cartonado e perfumado nas melhores officinas de Pariz ou Turim.

Outra noticia sem commentarios, porque, sejamos francos, não carece d'elles. Se a noticia provoca o desejo do suicidio, e do suicidio romanesco, que é o mais estúpido de todos os suicidios, que mais tem a fazer o jornal das ruas, que reproduz-o? Não é o seu fim desmoralisar as sociedades, levar-as á descrença, ao desrespeito de

todos os direitos, á negação de todos os principios? Para isso basta narrar os factos dos suicidios, sem commentarios, sem pôr nada de casa, porque isso é para outras noticias, é para quando alguma mulher satisfaz uma vocação conhecida, é para quando a mulher levanta a fronte diante do perigo e foge ao perigo, e vai, aos pés da cruz pedir conforto, consolação.

N'estes casos não ha commentarios, e os jornaes das ruas, como o *Primeiro de Janeiro*, noticiam:

«Quinta-feira de manhã, descobri ram-se na pequena ribeira de Witton, perto de Birmingham Inglaterra), os cadaveres de duas raparigas lindissimas, ambas de 16 para 17 annos. Foi uma contrariedade amorosa o que as levou ao suicidio. Enrolaram á cintura uma corda que as prendia uma á outra e assim se lançaram á ribeira. No *corsage* de uma d'essas desventuradas encontrou-se um pedacito de papel dirigido á mãe e em que se lia o seguinte: «Adeus para sempre!»

E mais nada! Não se diz que o motivo d'estas desgraças são as más leituras, as más companhias, os passatempos pecaminosos, as libertinagens que se aprende nas escolas sem Deus, que se bebem no seio da familia onde o catholicismo é desconhecido, que se aprende com a amiga que não vai á missa, que escarnece dos sacramentos, que tem por devocionario o romance immoral, por livro de meditação o jornal de modas. Não se diz nada d'isto, não o diz o «Primeiro de Janeiro», porque o «Primeiro de Janeiro é um jornal da epocha, filho da revolução, e é, além d'isso uma alampada do progresso que recua, até topar os tempos em que a mulher era vil escrava, em que a humanidade gemia sob o peso da mais atroz das tyrannias.

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

Tristezas ao sol-posto

Apraz-me em tarde amena, branda e tepida, quando o monte escurece ao pôr do sol, o vir sentar-me junto d'estas arvores, ao ouvir trinar do rouxinol!...

Traz um mago prazer ao meu espirito ver ao longe, bem longe, esse olival; alem, a povoação já vetustissima, o valle, o monte, o triste pinheiral!...

Eu amo esta tristeza do crepusculo, porque tudo o que é triste eu sei amar! Apraz-me ao coração este espectáculo de ver a luz do sol a desmaiar!

Eu amo a natureza, que ella inspira-me canções indefiniveis ao Senhor; outras vezes me faz derramar lagrimas, já filhas da alegria, já de dôr!...

Se vejo uma violeta modestissima, escondida, entre as folhas, a murchar, não sei, que pensamento melancolico minh'alma gosta então de alimentar!...

O cyprestal, o cedro, a folha pallida, os troncos, que o inverno já despiu, estão na natureza recordando-me a grata mocidade, que fugiu.

Amo tudo o que é triste, porque gelido eu sinto já meu pobre coração; por isso quero vir nas horas tacitas conversar com a triste solidão!

E, quando o sol se esconde e cessam canticos innocentes, singelos do pastor, humilde elevo ao céu minh'alma supplice, que o sino então me diz—«Ora ao Senhor»

Rangidos Quadros.

GRACIA

OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

(Continuado do n.º anterior)

CAPITULO XVII

A familia de Justo

DESPOJADO de suas dignidades, exilado e exposto á morte, sahio Justo do palacio do Regente com tanta satisfação e alegria como nos dias, em que obtinha nos campos de batalha esplendidas victorias e principes e soldados celebravam seu valor. Perdão, não fomos exactos, para o militar christão os triumphos que tinha obtido pelas armas de pouco valiam, eram nada em comparação do que acabava de alcançar, pois nenhum d'elles lhe valia a gloria, que d'este esperava.

Só havia a notar uma differença, e era que contente pessoalmente pelos soffrimentos que Deus lhe enviava, penalisava-se e affligia-se pelos que iam sobrevir aos demais christãos. Justo queria aos missionarios como a seus paes; amava aos fieis, convertidos por elles, como a irmãos, e as determinações de Faxiba não o feriam a ella só, mas feriam ao mesmo tempo a seus paes e seus irmãos.

Com quanto gosto teria dado o sangue de suas veias, e não uma mas mil, vidas que tivesse por evitar os males, que sobre elles iam desencadear-se, e que sua mente lhe apresentava como em horrivel perspectiva!

Via Justo, conforme ia caminhando, a florescente Igreja do Japão pri-

vada da admiravel legião de missionarios hespanhoes, italianos e portuguezes, que no transcurso d' meio seculo, seguindo as pisadas de S. Francisco Xavier, tinham dado gloria a Deus e milhares d'almas á Igreja. Via perdidos em um momento os portentosos trabalhos levados a cabo com incançavel zêlo por os Padres Torres, Gago, Nunes, Vilella, Guicchi, Valignani, Coelho, Cespedes, Laguna, Lucena, Almeida e outros com obreiros evangelicos; via as fervorosas christandades de Arima e Omoura privadas de seus zelosos pastores; via fechado o seminario de Osaka, d'onde á custa d'immensos trabalhos, despezas e esforços se estava creando um clero indigena tão piedoso como illustrado; via grande numero de fieis desamparados, e sobre tudo milhares d'almas, que n'aquelle momento titubeavam entre a verdade e o erro, mas que com pouco esforço se teriam attrahido á fé, ficar perdidas para sempre pela desaparicação dos que deviam abrir-lhes os olhos da alma á luz da verdade. Via soffrer com heroica constancia o admiravel resignação perseguições, mais tratos e martyrios inauditos ás mais devotas familias; e alem de tudo isto pensava com angustia, que o temor e o mêdo se apoderariam dos fracos, que os timidos vacillariam e que alguns correriam anhelantes pela senda da traição e iriam parar á apostasia.

As ultimas palavras de Constantino Joscimon, que trazia gravadas em seu coração demonstravam-lhe quaes seriam os efeitos da perseguição nos timidos. Sentia como christão dôr immensa e como japonês funda vergonha ante a cobardia do principe. E' conhecido de todos, que a idéa d'honra e do desprezo á morte attinge no Japão um ponto inconcebivel, e Justo penalisava-se de que um principe christão nem sequer patenteasse o valor de qualquer idolatra se teria vangloriado ao ver perseguida sua religião. Mas o que tinha ouvido a Constantino deixou-o plenamente convicto do que pensava fazer, e isto era para o intrepido capitão uma macula no nome e no prestigio dos christãos.

Se Justo n'aquelle occasião podesse ler no futuro, conheceria que, de quem menos poderia esperar-se, se iam dar manifestas provas de valor e de constancia, capazes de obliterar a cobardia do principe e confundir os idolatras.

Como era, porem, verdadeiro christão não podia crer, que Deus, n'aquelles momentos de prova para a Igreja do Japão, deixasse de consolal-a com novas graças e lhe faltasse com as forças necessarias para affrontar a per-

seguição, como já as havia dado e concedido aos christão de outros paizes.

Justo que conhecia a fundo a historia da Egreja que se deliciava immenso com a leitura das vidas dos Santos, sabia perfeitamente que o Christianismo forma heroes tanto em Roma como em Hespanha, tanto na Africa como na Asia, e não duvidava que ao seu fecundissimo bafejo se multiplicariam a milhares em uma raça tão valente como a japoneza. Sabia tambem que o sangue de martyres é semente do christão e assim pensava que, quando Deus permittisse que a perseguição se desencadeasse sobre o Japão, era porque tinha achado dignos do martyrio a muitos de seus filhos.

Versão do padre Lima.

(Continúa)

SECÇÃO ILLUSTRADA

Santo Elias arrebatado ao céu

DANDO a paginas 223 d'este volume uma gravura representando Santo Elias no deserto, e a paginas 225 uma pequena noticia d'este santo profeta, fundador da Ordem Carmelitana, deixaremos incompleto o nosso pensamento e pouco satisfeito, de certo, o espirito dos leitores.

Disseramos que Santo Elias fora arrebatado ao céu n'um carro de fogo á vista do seu discipulo mais amado, Eliseu, e para pintar com mais vivas cores esse quadro sublime, esse grupo admiravel do santo anachoreta levado aos céos pelos anjos n'um carro envolto em chammas, damos n'este n.º uma gravura representando esse facto estupendo, que os santos padres nos ensinam, e que o livro sublime por excellencia, a Biblia, nos manda crer.

Eil-o o santo Patriarcha do deserto rasgando os espaços para penetrar na celestial morada, e seu discipulo, na terra, abysmado, cego com tanta luz, de joelhos, esperando alguma cousa que o mestre lhe lançava, a sua capa, a capa milagrosa que a SS. Virgem lhe havia dado para por ella obrar infaustos milagres.

Não se admirem os menos crentes de nós fallarmos da SS. Virgem em tempo de Santo Elias, porque Ella, creada na mente do Eterno desde o principio dos tempos, era já 988 annos antes de Jesus Christo, a protectora dos monges do Carmello.

R.

SECÇÃO NEGROLOGICA



ESTÃO de luto, e envoltos nos crepes da orphandade, dois leitores do «Progresso Catholico», o Ex.^{mo} Snr. Alexandre Teixeira da Cruz e Silva, e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Hedwiges Christiana Elisabeth da Silva Freire, juvenil e piedosa collaboradora da nossa revista, pelo fallecimento de sua extremosissima mãe, occorrido no dia 19 do passado mez de agosto.

Ajoelhamos aos pés da cruz aqui erguida e acompanhamos na sue dor os dois orphãosinhos, e a toda a familia, enviando-lhes a expressão verdadeira do nosso sentimento, por uma tão fatal occorrença, estampando aqui a seguinte recordação que o desditoso filho offerta á memoria de sua mãe:

Recordação

A' morte de minha mãe!...

Já não existe!... Até aqui tinha uma mãe que me acariciava quando regressava a casa e agora já não tenho essa coricia, esse affago materno!...

Tudo perdi!...

Até aqui nunca me envergonhei, como filho, de beijar a mão a essa que me alimentou com o seu leite, que me educou na santa religião e já não existe!...

Tudo me roubou a morte!...

Volto a esses lugares onde todos nos reunimos, olho em roda e vejo um vago, já não existe quem me enchia os meus sentidos!...

Tudo perdi!...

Tudo me roubou a morte!...

Saiu-me do mundo a pessoa que eu mais amava e eu fiquei sem esse abrigo que tudo sabia cobrir!...

Faltou-me minha mãe, faltou-me tudo que n'este mundo tinha!...

Ah! morte, como não tremeste, quando ao cortar o fio d'essa existencia ainda tão nova, ouviste os gritos do desolado esposo e o choro da innocente creancinha de 5 annos!...

Ah morte! morte crua que não poupas a vida a ninguem!...

Nós que agora gosavamos as maiores delicias, nós que agora nos consolavamos na companhia de nossa mãe querida, vimos-nos para sempre apartados do seu amor, porque tu vieste cortar essa flor ainda na primavera da vida!...

Minha mãe, já me não reprehendes as minhas faltas?!...

Já nos não mandas orar contigo ao Senhor?!...

Ah os teus labios calaram-se para sempre, já não torno de ti a ouvir nem mais uma palavra de affecto!?

Minha mão, se já me não ouves, se já me não respondes eu peço d'aqui a Deus te envie por um de seus anjos um gemido, uma lagrima de teu desolado marido e de teus cinco filhos—tua extremosa familia!

Ainda ha pouco eu beijei a tua mão já fria e não me respondeste; pede agora a Deus, me abençoe e a minhas afflictivas irmãs, que hoje deponho aos pés da cruz a mais pura das saudades, orvallhada com as lagrimas de filial affecto.

A. T. da Cruz e Silva.

Aos nossos leitores pedimos acompanhem em suas preces os desditosos jovens que hoje choram a mãe querida.

Está tambem enlutada outra assignante e amiga da nossa revista, a Exc.^{ma} Snr.^a D. Maria Amelia Peixoto de Magalhães e Menezes, da illustre casa da Luz, pelo fallecimento de seu tio, o Revd.^{mo} Sr. Frei José Gabriel da Sacra Familia, que fôra chamado á vida eterna no dia 18 do corrente, tendo os officios na egreja de S. Francisco.

Fôra frade professo de S. Jeronymo, no convento da Costa, junto d'esta cidade.

Quer-nos parecer que é o ultimo dos moradores d'aquella respeitavel casa, que a piedade de nossos monarchas erguera e dotára e que a ambição e a rapacidade dos nossos governantes arrasou.

Pedindo as orações costumadas por alma do finado, damos sentidissimos pesames á nossa illustre leitora e das primeiras amigas do «Progresso Catholico».

RETROSPECTO DA QUINZENA

ANDANDO em viagem de recreio pelo Minho, esteve em Guimarães, e fez-nos a alta honra de visitar-nos S. Exc.^a Rev.^{ma} Monseñor, Alexandre Ramos Cid, Desembargador da Relação Metropolitana de Evora, professor do Seminario de Beja, e por vezes governador do Bispado d'esta mesma Diocese. Amigo nosso e do *Progresso Catholico* não se esqueceu de nós, o que de veras muito agradecemos.

Estiveram tambem n'esta cidade e mais una vez lhes estreitamos as mãos de amigos, os Rev.^{mos} Snrs. Padre João Baptista de Magalhães, amigo dedicadissimo da causa que representamos, e a quem devemos relevantes serviços; P.^o Antonio Joaquim Rodrigues de Carvalho, antigo amigo, que ha annos não viamos; P.^o Francisco Xavier da Silva Carneiro, o incansavel propagador da devoção ao SS. Coração de Jesus; e os Exc.^{mos} Snrs. Adriano Martins Leite de Barros, um dos primeiros alistados sob as nossas bandeiras, e Domingos José Teixeira, antigo assignante tambem.

Por ultimo tivemos o gosto de cumprimentar e ver aqui o notavel orador sagrado Exc.^{mo} Dr. Santos Monteiro, que, estando a banhos em Vizella, veio ver os amigos de Guimarães em n.^o dos quaes nos orgulhamos de contar-nos.

Desejamos que todos hajam chegado a suas casas livres de perigos.

A intenção geral durante o proximo mez de outubro será— *Os herejes*.

Campea com medonha teimosia a sanha dos hereticos em todo o mundo, e por isso, e para que nosso Senhor Jesus Christo, condoendo-se das almas d'esses infelizes, os faça entrar na Barca de Pedro, onde só ha salvação, devemos todos os filhos da Santa Igreja pedir e pedir muito pela conversão de todos os herejes, repetindo todos os dias durante o proximo mez a seguinte :

ORAÇÃO

Divino Coração de Jesus, eu vos offereço, pelo Coração Immaculado de Maria, as orações, as obras, e os sofrimentos d'este dia, em reparação das nossas offensas e por todas as demais intenções do Vosso Divino Coração.

Eu vol-as offereço, em particular, por tantas almas que a heresia traz afastadas da vossa Igreja, afim de que, reentrando no redil de Pedro, ellas não formem mais que uma só familia sob a egide de um mesmo Pastor.

Amen.

Sua Exc.^a Rev.^{ma} o Snr. Bispo de Lamego, fez entrega ao digno Vice-Reitor da quantia de 1:500,000 reis para as obras do Seminario Diocesano.

Damos esta noticia com summa alegria, principalmente por aquella quantia ser o producto das economias feitas pelo venerando Prelado, que do pouco guardou ainda para dar e para um fim tão justo.

Não faltará a digna recompensa a quem tão bem sabe exercer a caridade.

Na epoca em que tudo se quer secularisar; quando por todos os modos se pretende tirar o prestigio que sempre tivera a Igreja, como a primeira a conduzir os povos pela senda do progresso moral e material; quando tudo isto se observa bom é tornar bem patentes os impulsos gigantes que ainda hoje, apesar de todas as contrariedades, a Igreja dá a tudo que é grande, a tudo que abre aos povos os porticos do saber.

O que o Venerando Prelado do Algarve tem realisado no seu seminario é uma prova do que deixamos dito, e para melhor o demonstrar, transcrevemos d'um collega a seguinte noticia, como preito de respeitosa homenagem ao Episcopado em geral, e em particular ao Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo-Bispo, que dirige tão sabiamente a Igreja do Algarve.

Lea-se :

«Pela primeira vez, no passado anno lectivo, funcionaram as aulas de preparatorios, privativos d'este Seminario, as quaes deram optimo resultado, não havendo una unica reprovação a lamentar, tanto entre os alumnos que fizeram exame perante o jury do mesmo Seminario, como entre os que requereram perante o Lyceu.

Tal resultado muito deve lisongear o inclito Prelado da Diocese do Algarve a quem o Seminario deve os maiores disvelos e sacrificios; não menor satisfação deverá sentir o distincto Vice-Reitor Monsenhor Botto, cujos altos serviços acabam de ser com tanta justiça galardoados.

Depois da educação religiosa e clerical, ministrada com uma elevada comprehensão das necessidades actuaes, sabemos que o Seminario presta o maior cuidado á hygiene, com modestos exercicios de gymnastica, banhos, etc., etc., sendo todavia a mensalidade do porcionista apenas de 7\$200 rs.

As aulas são regidas segundo os programmas officiaes e optimamente distribuidos os serviços escholares segundo o comprovam os resultados obtidos.

O edificio é de um acio irrepre-

hensivel, perfeitamente policiavel, e policiado e com excellentes regulamentos para todos os ramos de serviços.

Temos presente o regulamento policial, impresso n'esta typographia, o qual nos dá perfeita ideia da ordem, acio, economia e dedicação que presidem á administração do referido estabelecimento, alem d'este regulamento, ha um especial para cada secção de serviços.

Não será novidade para a maior parte de nossos leitores, mas sel-o-ha para algum a ultima determinação do Santissimo Padre Leão XIII, que mandou, depois da oração que já se recitava no fim da missa, acrescentar mais a seguinte :

«Oh glorioso archanjo S. Miguel! Defendei-nos nos combates e sede nosso auxilio contra a malicia e artimanhas do demonio. Rogamos supplicantes que o Senhor lhe faça sentir a força de seu imperio; e tú, oh Principe e chefe da ce'estial milicia, faz com o poder divino, precipitar nos infernos a Satanaz e com elle a todos os espiritos malignos, que no mundo trabalham para perder as almas. Amen.»

Não se esqueçam nossos leitores de recitar esta breve oração depois da que se segue ás Ave-Marias e Salve Rainha nas Missas resadas de todos dias, porque o nosso Santo Padre concede 300 dias de indulgencias por cada vez que os fieis as recitarem.

E aproveitem todas as graças da Igreja, porque só com a Igreja e com os seus amigos é que estamos bem. Fugamos dos que fogem da igreja!

Em New-York uma senhora perdeu um saquinho onde levava cinco contos de reis. Annunciou, tornou a annunciar, offereceu alvigeras, tornou a offerecer; mas nada, não apparecia o *honrado* cavalheiro que achara o saquinho.

Um dia, porém, o parcho de Santa Monica procurou a mencionada senhora, e entregou-lhe aquelle perdido saquinho com os cinco contos de reis, dizendo que um penitente o encarregado de tal missão.

Claro está que, quem não se quer confessar é porque tem algum saquinho que lhe não pertence.

Em todo o caso, louvemos os fructos da confissão.

Ainda ha pouco noticiamos a imponente festividade que em honra do SS. Coração de Jesus, se fizera em Souto, e já hoje temos de fallar d'outra imponente tambem, realisada me

Sande (S. Martinho) a meia legua de Souto.

Eis como o «Regenerador» a descreve:

«Realizou-se no domingo na freguezia de S. Martinho de Sande uma esplendida festividade ao Coração de Jesus.

Tinha por fim solemnizar a collocação de uma nova imagem n'aquella egreja, que a associação do Coração de Jesus da freguezia mandara fazer em Vianna.

Ha muito não vimos mais apparatusa festividade, mais completa e mais concorrida.

A imagem foi conduzida sem solemnidade de Braga até ao principio dos limites da freguezia de Balazar. Ahi levantava-se um arco elegante, e n'uma extensão de perto de 2 kilometros na estrada para Guimarães postes com galhardetes festões de murta e flores, bandeiras de variadas côres, produziam um effeito surpreendente.

Nos limites da freguezia de Balazar organisou-se uma pomposa procissão em que eram conduzidas as cruzes parochiaes e as bandeiras das diversas irmandades das freguezias de todo o valle de Sande, acompanhadas pelos confrades com as suas opas de variadas côres. A imagem do Coração de Jesus era levada n'um andor simples mas elegante. Um côro de 27 virgens parando aqui e alem entoava um harmonioso cantico; o som dos morteiros nas diversas freguezias d'aquelle valle, um concurso de povo talvez de mais de 3:000 pessoas, e grande numero de ecclesiasticos davam áquella procissão um aspecto festivo mas solenne.

Eram quasi 9 horas da manhã quando chegou á egreja onde commungaram 600 pessoas e o snr. padre José d'Oliveira, de Cabanellas, fez uma pratica adquadada á solemnidade.

A's 11 horas principiou a missa com exposição que durou todo o dia, sendo a musica da egreja dirigida pelo snr. padre Eugenio, distincto cantor de Guimarães.

De tarde houve sermão em que foi orador o snr. Prior de Souto, que n'um extenso discurso mostrou mais uma vez o bom conceito de que goza, seguiu-se o *Te-Deum* e procissão em volta da egreja.

O snr. padre José Antonio Marques, digno parochio d'aquella freguezia, e promotor d'aquella festividade, pôde estar satisfeito, porque viu coroados do melhor exito os seus trabalhos.

E não só o digno parochio deve estar satisfeito, mas todos os bons filhos da Santa Egreja; quem não hade estar muito contente é o snr. Martins de Carvalho, do «Conimbricense», os Vas-

ques, Basvaques, e toda a liberalhada, que andam sempre a berrar de jesuitas, e os jesuitas a crescer, a crescer, a crescer cada vez mais! Porque, deenganem-se, isto de Coração de Jesus não é mais que o jesuitismo posto em acção. Cada imagem do Sagrado Coração que se levanta é logo uma phalange de jesuitas que se agrupam em volta d'ella: Tudo são zeladores, e cada zelador ou zeladora, comanda um batalhão de jesuitas!

Não sabiam d'isto? Pois é verdade!

Viva o SS. Coração de Jesus!!

Não ha, talvez, em todo o reino collegios para educação de creanças de um e d'outro sexo, como na cidade de Braga. Já nos havemos occupado de alguns para meninas, e hoje vamos dar duas palavras apenas de dois para o seculo masculino, que são uma gloria para o paiz e para a terra que os possui. — Referimo nos aos collegios Espirito Sancto, derigido pelo illustrado professor o revd.^{mo} dr. José Heggman, e o Collegio de S. Luiz, de que é director o revd.^{mo} padre João Manuel Fernandes d'Almeida.

As relações que temos á vista dos alumnos que fizeram exame, dos distinctos etc., etc., d'estes dois collegios, obrigam-nos a recomendar estes dois institutos a todos os paes de familia, e a dar os parabens aos dignos directores e a todos os professores que formam o corpo docente de tão uteis e bem montados estabelecimentos.

Um correspondente d'esta cidade para a «Ordem», de Coimbra, termina fallando do monumento a D. Affonso Henriques, e acrescenta:

«E o monumento a Pio IX no alto de Santa Catharina? Não se ouve fallar n'esta obra em que está committida uma commissão de cavalleiros, muitos dos quaes fazem parte tambem da commissão do monumento a D. Affonso Henriques...

Porque não se terá dado andamento a esta obra tão gloriosa, não só para Guimarães como para Portugal? Será pelos mesmos motivos porque se deixa acabar o monumento das maiores glorias de Guimarães—a Collegiada?»

Os motivos sabe-os, talvez, a commissão, mas não os dirá; esperemos mais um pouco e depois nós os diremos, ainda que não seja se não para tirar de duvidas os amigos da grandiosa ideia, que meia duzia de sujeitos julgam abafar com o silencio. Mas não abafaram, juramol-o, e havemos mostrar-lhe que não morre assim tão sorrateiramente uma ideia, que alvoçou todo o orbe catholico, e que ha-

de reviver quando o «Progresso Catholico» quizer.

E' necessario muita cautella com os intrujões do protestantismo, que andam infestando o paiz, assim á guiza de pedantes esfrangalhados, levantando banca de sabios, tenda de impressos e livros condemnados, nas tabernas, entre o vasilhame avinhado e ao pé das postas de bacalhau frito, para ver se chama o Zé-povinho, já, que não pela eloquencia do orador, ao menos pelo cheiro do vinho e das iscas.

O que no numero passado davamos em Monsão parece que raspou o lombo por Vianna do Castello, espalhando um papel com um palavriado reles e como de pastor a quem as ovelhas mazelentas dos rebanhos sustentados com agua ardente, apegaram tinha pustolenta, que os palermas andam a ver se apogam ás limpas e assecadas ovelhas do rebanho de Jesus Christo em Portugal, a quem aconselhamos vão fazendo aos intrujões como fizeram os de Barcellos e como sabem fazer os povos de outras terras.

Não fica mal a ninguem proteger todas as obras á testa das quaes se acham as benemeritas Irmãs, antes pelo contrario é isso uma honra. Assim o entendeu um cidadão ha pouco fallecido, Domingos Montani Leoni, que deixou em testamento doze contos de reis, para com o rendimento d'esta quantia se sustentarem quatro Irmãs de Caridade no hospital civil de Terni.

Se a direcção d'este hospital tiver os sentimentos patrioticos que tem uma certa direcção que nós conhecemos, decerto não accceita a herança com o pesado encargo de Irmãs de Caridade! Ha de tudo!

Findamos dando noticia do Collegio de Nossa Senhora da Conceição, que n'esta cidade fundara ha dous annos o snr. Henrique de Carvalho, com o que prestou e continua prestando grandes serviços a esta terra condemnada a ter unicamente escholae primarias.

Apesar de pouco tempo já o snr. Carvalho apresentou este anno a exame:

10 alumnos para instrucção primaria; 13 para admissão aos lyceus; 7 para portuguez, 1.º e 2.º anno; 8 para francez, curso completo.

Teve 4 distincões, e nenhum dos examinandos ficou reprovado.

Poderá dar em breve a exame alguns estudantes de latim, etc., etc.

Este collegio admittre internos e externos, e por isso muito recommendação aos paes de familia esta casa de educação.

J. de Freitas.